

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-249****DERMATITE EOSINOFÍLICA NA ESPÉCIE FELINA**

Geyanna Dolores Lopes Nunes; Paulo Fernando Cisneiros da Costa Reis; Kilder Dantas Filgueira

O presente trabalho descreve um caso de dermatite eosinofílica (DE) em gato doméstico. Um felino, macho, sem raça definida, com um ano de idade, possuía lesões cutâneas pruriginosas, com tempo de evolução de 60 dias. O tratamento prévio com antibiótico sistêmico e xampu antisséptico, não apresentou resultados satisfatórios. O paciente foi submetido ao exame físico. Optou-se pela execução de raspado cutâneo. Houve necessidade do procedimento de biopsia incisional das alterações, com encaminhamento do material obtido para histopatologia. Foi prescrita terapia tópica com selamectina 6% (uma aplicação quinzenal, até completar o total de quatro doses) e solução de aceponato de hidrocortisona (pulverização a cada 24 horas, durante sete dias). O felino revelava normalidade dos parâmetros vitais. Contudo, durante a avaliação dermatológica foram evidenciadas crostas melicéricas, eritema, edema, escamas, rarefação pilosa e exsudação hemorrágica, acometendo as regiões falangeal e interfalangeal dos membros torácicos e pélvicos, coxins plantares, metatarsal direita, calcâneo esquerdo e extremidade da cauda. Existia ainda hipertrofia dos linfonodos poplíteos e onicomadese. O raspado cutâneo indicou negatividade para ácaro. A dermatohistopatologia revelou hiperplasia regular da epiderme, com espongirose difusa, ortoqueratose compacta, exocitose de eosinófilos e neutrófilos, além de focos de ulceração abrupta. Não havia acantólise. Toda a derme exibia edema e infiltrado inflamatório misto intenso em padrão perivascular a difuso, com elevada quantidade de eosinófilos. Os folículos pilosos, glândulas sebáceas e glândulas apócrinas não apresentavam alterações. A coloração especial para fungos, foi negativa. O padrão morfológico foi compatível com DE. O animal possuiu completa remissão do quadro lesional após a utilização do antiparasitário e glicocorticoide tópico. A DE tem rara incidência e está inclusa em um heterogêneo padrão de resposta tegumentar caracterizado pela infiltração eosinofílica a inúmeros antígenos e com provável etiologia multifatorial alérgica. No caso em questão, o adequado efeito da terapia direcionada para a exclusão de alérgenos da saliva de artrópodos definiu a causa de base da dermatopatia. O corticoide local foi empregado de modo sintomático, objetivando o alívio do prurido e bem estar do animal. Torna-se necessário considerar-se a DE como diagnóstico diferencial em felinos com eritoderma pruriginosa e edematosa.

Palavras-chave: alergologia, infiltração eosinofílica, *Felis catus*.**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-250****DESLOCAMENTO TRAUMÁTICO DE APARELHO HIOIDE EM CÃO – RELATO DE CASO**

Kairuan Camera Kunzler; Daniela Flores Fernandes; Maurício Ferreira e Silva Faraco; Rita Elaine Streda Ribeiro; Bruno Gomes de Campos

O presente trabalho relata um caso de deslocamento traumático de aparelho hioide em cão tratado clinicamente. Foi atendido cão de raça shih tzu de dois anos de idade, com histórico de ingestão acidental de palitos de dente. O proprietário relatava ter retirado um palito da cavidade oral do animal antes que o mesmo fosse deglutido, causando trauma. O cão havia sido atendido e medicado em outro local, sendo encaminhado devido à indisponibilidade de exame de imagem. Ao exame físico o paciente apresentava ventroflexão

cervical com intensa algia à manipulação de região laríngea, bem como leve sangramento oral. Nenhum corpo estranho foi observado e demais parâmetros se encontravam dentro do referencial para a espécie. Foi realizado raio-x simples em projeção laterolateral que evidenciou aumento de volume de partes moles em região sublingual e alteração anatômica/posicional dos ossos do aparelho hioide, além de obliteração da orofaringe. O cão foi internado e recebeu, além de fluidoterapia de manutenção, dexametasona (1mg/kg, SID), enrofloxacin (10mg/kg, SID), ranitidina (2mg/kg, BID), sucralfato (30mg/kg, TID), tramadol (2mg/kg, TID) e dieta úmida. Após 24 horas, foi realizada nova radiografia que evidenciou pouca evolução do quadro, embora com menor aumento de partes moles. Após três dias, o paciente recebeu alta, mantendo o mesmo protocolo terapêutico, mas com maxican (0,1mg/kg, SID) como antiinflamatório. Após sete dias do atendimento, o cão retornou para revisão e controle radiográfico. O paciente não apresentava alterações ao exame físico, bem como nenhuma dificuldade de apreensão ou deglutição do alimento, ou de vocalização. Foi realizado raio-x controle simples em projeção laterolateral que evidenciou imagem compatível com deslocamento dorsocaudal do epi-hioide. Há poucos relatos referentes a alterações no aparelho hioide e o presente caso mostra o deslocamento por intervenção inadequada para remoção de corpo estranho tratado com sucesso clinicamente.

Palavras-chave: canino, trauma, corpo estranho, aparelho hioide.**Referências bibliográficas:** MCALLISTER, H.; KEALY, J. K. **Radiologia e Ultra-sonografia do Cão e do Gato**. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2005.**ANIMAIS DE COMPANHIA****P-251****DETERMINAÇÃO DE VALORES DE REFERÊNCIA PARA TEMPOS PROTROMBINA E TROMBOPLASTINA ATIVADA EM CÃES ATENDIDOS NO HV-ULBRA**Caroline Marques Lemos¹; Paula Preussler Dos Santos²; Letícia Da Silva³; Diego Moreira Pujol³; Katiana Santos Stelmach Pereira⁴; Mariangela Allgayer⁵

1-Médica Veterinária autônoma. 2-Médica Veterinária Aluna do PPG – ULBRA/RS. 3-Acadêmico(a) do curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. 4-Acadêmica do curso de Biomedicina ULBRA/RS. 5-Médica Veterinária, PhD, Professora do Curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. Email: paulapds@terra.com.br

Os fatores de coagulação são proteínas e íons componentes da cascata de coagulação, responsáveis pela manutenção da hemostasia de um indivíduo. Dentre os exames laboratoriais utilizados para a avaliação da função da coagulação sanguínea está incluída a determinação do tempo de protrombina (TP) e o tempo de tromboplastina parcial ativada (TTPa), ambos avaliados em segundos (s). O presente trabalho determinou os valores de referência para TP e TTPa em cães clinicamente saudáveis para serem usados como intervalos de referência no Laboratório de Patologia Clínica do Hospital Veterinário da Universidade Luterana do Brasil. A necessidade desta pesquisa se deu pelo fato de que há uma grande variabilidade nos intervalos de referências encontrados na literatura. Amostras de sangue coletadas em tubos contendo citrato de sódio de 20 caninos, machos e fêmeas, sem discriminação de raça e idade, atendidos pelo Hospital Veterinário da ULBRA, foram processadas utilizando-se reagentes comerciais para teste de coagulação sanguínea em plasma citratado (PT Hemostasis e APTT Hemostasis Labtest®), com métodos manuais. Os valores estabelecidos foram submetidos a cálculos de estatística descritiva (médias, valores máximos e mínimos e desvio padrão) para obtenção dos intervalos de referência. Os resultados obtidos para caninos foram de 10,2

$\pm 1,15$ para TP e $24,5 \pm 4,15$ para TTPa. Esse estudo demonstrou a importância da padronização desses testes para cada laboratório e metodologia usada, uma vez que os valores relatados na literatura são extremamente variáveis e muitas vezes não referem a metodologia utilizada. Os presentes resultados servirão como valores de referência para exames complementares realizados no Laboratório de Patologia Clínica do HV-ULBRA.

Palavras-chave: TP, TTPa, caninos, felinos, valores referência.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-252

DIABETE MELITO JUVENIL E INSUFICIÊNCIA PANCREÁTICA EXÓCRINA COMBINADAS EM CÃO PASTOR ALEMÃO – RELATO DE CASO

Luciana Serpa Figueiredo Dionizio; Gabriela Jaime Covizzi; Aline da Trindade Quintela; José Carlos Oliveira; Ana Rosa dos Santos Otero

O presente trabalho relata um quadro de atrofia pancreática juvenil associada à Diabete Melito (DM) e Insuficiência Pancreática Exócrina (IPE). Um cão da raça Pastor Alemão de seis meses de idade foi levado a atendimento veterinário com histórico de apatia, vômitos, hiperglicemia e glicosúria, quadro clínico compatível com Diabete Melito Juvenil. Foi instituído a insulino terapia (NPH), controle da curva glicêmica e após quinze dias o paciente apresentou melhora clínica. Seis meses depois o paciente ainda sob insulino terapia retornou com crises convulsivas, desorientação, caquexia, apatia, além do histórico de fezes pastosas e acólicas. O paciente estava em crise hipoglicêmica, provavelmente porque a insulina foi administrada com o paciente em jejum, portanto realizou-se suporte emergencial, com administração de Diazepan, glicose endovenosa, embolus e diluída em infusão contínua, além da aplicação de dexametasona. Monitorou-se a glicemia a cada hora, entretanto, não houve resposta à terapêutica instituída. Com a piora do quadro clínico do animal e a limitação financeira do proprietário optou-se pela eutanásia. Na necropsia, o pâncreas apresentava diminuição acentuada de volume, sendo observado o ducto pancreático e seus principais tributários mais conspícuos. Adicionalmente, foi observada hepatomegalia moderada com acentuação do padrão lobular, ausência de depósitos de gordura abdominal e distensão das alças intestinais. Os sinais clínicos, os achados laboratoriais e de necropsia foram compatíveis com o diagnóstico de atrofia pancreática com comprometimento endócrino (DMJ) e exócrina (IPE). Vale a pena ressaltar, que os cães da raça Pastor Alemão apresentam predisposição para o desenvolvimento da atrofia pancreática juvenil, e apesar de raro, os distúrbios pancreáticos endócrinos e exócrinos podem ocorrer concomitantemente.

Palavras-chave: Pâncreas, cão, atrofia pancreática

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-253

DIAGNÓSTICO TOMOGRÁFICO DE URETER ECTÓPICO EM CADELA – RELATO DE CASO

Paula Licia Jovino e Tonini¹; Marcia Kikuyo Notomi²; Helena Arantes do Amaral¹; Raphael Nikolas Lira³; Marthin Raboch Lempek⁴; Selene Eger Sawada⁵

¹Médica Veterinária Autônoma, ²Docente da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, ³Unid. Clínica Vet. LIRA, ⁴Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, ⁵Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB

A ectopia ureteral é uma enfermidade congênita que se caracteriza quando um ou ambos os ureteres apresentam-se inseridos fora do seu local anatômico, com a inserção possível de ocorrer no útero, colo da bexiga, uretra ou vagina, devido a uma diferenciação anormal dos ductos mesonéfricos e metanéfricos, sendo que nos machos a inserção pode ocorrer também nos ductos deferentes e próstata. A incontinência urinária é o sinal clínico mais comumente associado ao ureter ectópico. O presente relato descreve um caso de ectopia ureteral em uma cadela cujo diagnóstico só foi possível graças a tomografia computadorizada. Uma cadela, de dois anos de idade, castrada, da raça Poodle, foi atendida com queixa principal de incontinência urinária desde os quatro meses de idade. Após o exame físico, foram realizados exames complementares: hemograma completo, bioquímica sérica, urinálise, ultrassonografia abdominal e urografia excretora. No entanto, os resultados não foram conclusivos e, deste modo, foi realizada uma tomografia computadorizada simples e contrastada. Quando foi comparada a desembocadura dos ureteres na vesícula urinária, foi verificado que o ureter direito apresentava sua inserção mais caudal, em topografia correspondente à região do colo da bexiga, além de discreta dilatação da porção terminal do ureter direito. Desta forma, os achados foram compatíveis com a suspeita clínica de ureter ectópico intraluminal. Optou-se por correção cirúrgica da ectopia, baseada na localização do ureter direito e sua reinserção no local anatômico. Após a cirurgia, o animal apresentou uma excelente recuperação, sem sinais no pós-operatório de incontinência urinária. Nem sempre a confirmação do diagnóstico clínico de ureter ectópico é possível apenas com ultrassom e urografia excretora. Em alguns casos a tomografia computadorizada é o exame conclusivo que deve ser indicado para que a cirurgia possa ser realizada o mais breve possível, evitando-se assim danos maiores ao paciente, como a hidronefrose e o hidroureter.

Palavras-chave: ureter ectópico, incontinência, cão.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-254

DISSEMINAÇÃO METASTÁTICA DO TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL CANINO

Geyanna Dolores Lopes Nunes; Kilder Dantas Filgueira

O presente trabalho descreve o potencial de metástases do tumor venéreo transmissível (TVT) em cão. Um canino, macho, sem raça definida, com dez anos de idade, possuía aumento de volume na região do pênis, com tempo de evolução superior a 90 dias. O paciente foi submetido ao exame físico. Optou-se pela realização de provas laboratoriais: hemograma completo, bioquímica sérica hepática e renal, ultrassonografia abdominal, além de citologia das lesões externas verificadas no animal. O proprietário decidiu pela eutanásia do canino e não houve possibilidade de ser executado exame necropsíco. Clinicamente, o animal revelava comportamento apático,